



NOITE E NEBLINA: O DESAFIO DA MEMÓRIA

Autor(es): PINHEIRO, Cristiano Guedes
Apresentador: Cristiano Guedes Pinheiro
Orientador: Lorena Almeida Gill
Revisor 1: Denise Marcos Bussoletti
Revisor 2: Henrique Andrade Furtado de Mendonça
Instituição: UFPel

Resumo:

O presente trabalho originou-se de um estudo sobre o documentário Noite e Neblina do cineasta francês Alain Resnais. Em 1955, a pedido do Comitê da História da Segunda Guerra Mundial, Resnais realizou o filme, cujo tema principal, versou sobre os campos de concentração nazistas. O nome do documentário foi inspirado na coletânea de poemas de Jean Cayrol “Poèmes de la Nuit et du Brouillard” (Poemas da Noite e da Neblina), de 1945. Essa expressão surge no filme com a cena da chegada dos trens, durante a noite, sob forte neblina. Em muitas dessas noites, por falta ou excesso de nomenclatura, a SS nomeava os recém chegados apenas com: N N – “Nacht und Nebel” (Noite e Neblina). O poeta, também francês, Jean Cayrol, ex-prisioneiro do campo de Mauthausen, na Áustria, escreveu o texto para o documentário. Por vezes irônico, sem, no entanto, cair no denunciamento vazio, Cayrol captura a atenção do espectador de forma quase poética. Por seu turno (no outono de 1955), Alain Resnais gravou imagens coloridas dos campos poloneses de Auschwitz-Birkenau e Majdanek. Nelas, aparecem cenas bucólicas de “construções inofensivas”, rodeadas de pântanos, aves, rolos de feno e muito verde. Na montagem da película, Resnais justapôs as cenas coloridas às imagens de arquivo em preto-e-branco, “costurando-as” com o belíssimo texto de Cayrol. Em dias de “Holocausto-negação” onde pretende-se a obliteração da consciência e a clandestinidade da narrativa, o filme continua a ter, em seus 31 minutos, o desafio da memória. Assistir ao documentário, possibilita, não só a referência visual dos horrores dos campos de concentração e uma boa fonte para o debate, como também, um ótimo recurso contra a amnésia dos acontecimentos históricos. O Holocausto nunca deve ser esquecido, tampouco banalizado devido a sua importância universal, e é justamente a memória viva destes acontecimentos que impedirá a volta “de estranhos carrascos”, questionamento final do documentário. Um dos grandes méritos do filme, além da reativação da memória, é justamente esse chamado à vigília que faz. Esse trabalho, portanto, foi produzido na perspectiva da permanência da memória, como ferramenta necessária a impedir o retorno ou a possibilidade de novos discursos como os que levaram ao Holocausto, além de questionar todos os tipos de intolerância.